

REGO, Walquíria Leão e PINZANI, Alessandro. **Vozes do Bolsa Família**: autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo: Unesp, 2013.



As vozes dos miseráveis

**CÁSSIO AUGUSTO SAMOGIN ALMEIDA
GUILHERME***

“Bolsa Esmola”; “compra de votos”; “tem que dar uma enxada para cada um”; “quem ganha Bolsa não quer trabalhar”; “quem ganha bolsa faz mais filhos para ganhar mais dinheiro”; “estamos sustentando vagabundos”. Estes e outros estereótipos preconceituosos são comuns nas bocas e pensamentos de parte da classe média e alta deste país quando o assunto é o Programa Bolsa Família e as demais Políticas Sociais implementadas durante os governos Lula e Dilma.

O livro recém publicado “Vozes do Bolsa Família: Autonomia, dinheiro e cidadania” da socióloga brasileira Walquíria Leão Rego, da Unicamp e do filósofo italiano Alessandro Pinzani, da UFSC, pela editora da Unesp, visa justamente desconstruir estas formas de pensamento ao dar voz à mais de 150 mulheres beneficiadas pelo Bolsa Família. Ao longo de seis anos, os autores visitaram as regiões mais pobres de Alagoas, Piauí, Maranhão, Pernambuco e do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, para entrevistar estas mulheres. A grande contribuição do livro é que tais entrevistas são abertas, ou seja, ao ligar o microfone e dar voz a esta classe

subalternizada, os autores podem captar e nos mostrar a visão de mundo, opiniões, o psicológico, as dificuldades de sobrevivência destas pessoas até então silenciadas.

O livro é dividido em cinco capítulos. O primeiro deles é de caráter mais teórico-metodológico, onde os autores trabalham a idéia de uma teoria crítica para pesquisa social, o papel que o pesquisador tem ao ir a campo e, no caso, dar voz aos miseráveis brasileiros, além de discutir o ato da entrevista propriamente dita. O segundo capítulo vai no mesmo sentido: há uma ótima discussão teórica sobre os conceitos de pobreza, sofrimento, humilhação, dignidade, autonomia, gênero, liberdade e como o Bolsa Família e a criação de uma mínima renda monetária para estas famílias pode lhes garantir mais civilidade, cidadania e os constituir em novos agentes políticos. Segundo os autores, uma vez que o programa exige a contrapartida de manter os filhos na escola e vacinados, tais são um “caráter republicano e contribuem para o processo de formação de cidadãos e indivíduos responsáveis perante sua comunidade política” (p.71).

O ápice do livro é o terceiro capítulo. Nele os autores apresentam de forma narrativa as entrevistas mais significativas recolhidas ao longo da pesquisa. As densas descrições dos ambientes que os entrevistados vivem nos fazem refletir melhor sobre a questão. São ruas sem asfalto e esgoto, casebres de palha, chão batido, casas sem divisórias, poucos móveis, animais perambulando, sujeira, crianças nuas, mulheres com rostos deprimidos e aparentando mais idade, homens sem empregos e entregues à própria sorte.

Pelas falas das mulheres, podemos perceber que a maioria delas: possui pouca escolaridade, uma vez que logo cedo tiveram que abandonar os estudos para trabalhar ou casar; têm muitos filhos, já que casaram cedo e devido a pouca escolaridade, não usam métodos contraceptivos, embora muitas delas tenham feito laqueadura ou sonham em fazê-la um dia; apenas duas entrevistadas dizem que largaram o trabalho pelo Bolsa Família, ainda assim, eram trabalhos degradantes e de baixíssima remuneração; usam o dinheiro do Bolsa, na maioria das vezes, para comprar alimentos e material escolar; muitas têm os maridos trabalhando em outras regiões do país ou então desempregados; valorizam o fato de o cartão estar em seus nomes e não no dos maridos, isso lhes confere mais auto-estima e muitas vezes até coragem de se divorciarem dos esposos que só bebem ou lhes tratam mal; preferiam um emprego formal ao recebimento do Bolsa; existe nas falas uma confusão entre ser o

benefício um direito ou um favor do Estado, o que provavelmente se deva à baixa escolaridade;

Através desta entrevistas, ficamos conhecendo os dramas de vida de senhoras como Dona Ana, Benedita, Maria, Claudineide, Delia, Luisa, Madalena, Amélia, Iracema, Zulmira e tantas outras guerreiras da sobrevivência paupérrima que até então viviam silenciadas. Muitas vezes, nas entrevistas, todos choram e o leitor não deixa de se emocionar. “Ah! Não sei o que seria de nós pobres sem essa bolsa” (p.100); “Todas as crianças, porém, estavam na escola, conforme exigências do programa BF” (p.105); “Graças a Deus fiz a operação, não terei mais filhos! Preciso agora resolver o que farei com meu marido” (p.117); “Eu trabalho três dias na semana para ganhar R\$ 25. (...) pois eu vou que é para não fica à toa. Não gosto de ficar à toa” (p.127); “Quando recebo o dinheiro vou para o mercado, faço a feira do mês” (p.132). Frases como estas nos fazem refletir mais sobre as desigualdades sociais no Brasil e a contribuição do Bolsa Família na melhoria de vida desta parcela miserável da população.

O quarto capítulo discute muito bem a questão da pobreza. Aspectos conceituais e acadêmicos, suas características econômicas, a pobreza no Brasil à luz da Constituição Federal e o discurso economicista são trabalhados. Porém são as características fenomenológicas da pobreza, que estigmatizam e muitas vezes impedem estas famílias de ascender socialmente merecem destaque no texto. Por exemplo, a pobreza gera

uma má nutrição, moradia precária, trabalho irregular, abandono escolar por conta do trabalho infantil, alta taxa da natalidade, invisibilidade social e exclusão da cidadania, gerando um vício familiar à pobreza. A análise dos autores é que o Bolsa Família, ao possibilitar uma mínima renda, acesso ao crédito, filhos na escola e vacinados, contribuiu para que a geração futura destas famílias possuam uma chance maior de se livrarem da pobreza.

O último capítulo do livro apresenta como o dinheiro que os beneficiários recebem lhes garante uma maior autonomia. Segundo os autores: “produz mudança significativas na vida das pessoas destinatárias dele” (p.189), ao superarem a cultura da resignação da espera da morte por fome ou doenças ligadas à pobreza, o pouco dinheiro que recebem lhes permite certa autonomia e esperança de que, ao menos seus filhos, poderão ter outras oportunidades na vida.

Como comentamos acima, em muitas sociedades a pobreza é considerada como o resultado de uma vida imoral e desregrada por parte dos pobres, que seriam ainda preguiçosos, incompetentes e indolentes. Este estigma se baseia na ideologia neoliberal que prega serem todas as pessoas iguais em oportunidades e as únicas responsáveis pela sua situação sócio-econômica. Como bem afirmam os autores na conclusão

do livro, “no caso brasileiro, o debate sobre o Bolsa Família é um bom exemplo da repetição histórica do preconceito e da força dos estereótipos” (p.225).

Ao dar voz às mulheres que recebem o Bolsa Família, os autores desconstruem muitos estereótipos. Por exemplo, os beneficiários não deixaram de trabalhar para receber o Bolsa, muitos continuam fazendo bicos, afinal o benefício é pouco, os filhos estão na escola e vacinados, garantiu mais autonomia e poder às mulheres diante do machismo dos maridos, com o dinheiro compram comida, melhoram a alimentação e a saúde da família, lhe deu crédito diante dos comerciantes locais. Assim, apesar dos problemas do programa, também trabalhados no livro e diante do seu minimalismo, “o Bolsa Família pode ser visto como política de urgência moral, capaz de estabelecer as condições mínimas para o desenvolvimento de autonomia ética e política” (p.215). Enfim, o livro é uma excelente e exaustiva pesquisa sobre um tema tão polêmico e importante para a sociedade atual que merece ser lido e refletido para que o debate social seja mais bem feito e o programa melhorado.

Recebido em 2013-09-02

Publicado em 2013-12-11



* **CÁSSIO AUGUSTO SAMOGIN ALMEIDA GUILHERME** é

Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Professor da Faculdade Ingá/UNINGÁ.